

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – “Deputado Ary Fossen”
Curso Superior de Tecnologia em Eventos

Iolanda Araújo de Sousa

**PARALIMPÍADAS E A EVOLUÇÃO HISTÓRICA E ESTRUTURAL DE
UM MEGAEVENTO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS JOGOS DE
TÓQUIO**

**Jundiaí
2021**

Iolanda Araújo de Sousa

**PARALIMPÍADAS E A EVOLUÇÃO HISTÓRICA E ESTRUTURAL DE
UM MEGAEVENTO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS JOGOS DE
TÓQUIO**

Trabalho de Graduação apresentado à
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí -
“Deputado Ary Fossen” como requisito
parcial para a obtenção do título de
Tecnólogo em Eventos sob a orientação da
Professora Me. Adriana Perroni Ballerini.

**Jundiaí
2021**

TERMO DE APROVAÇÃO

Iolanda Araújo de Sousa

**PARALIMPÍADAS E A EVOLUÇÃO HISTÓRICA E ESTRUTURAL DE
UM MEGAEVENTO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS JOGOS DE
TÓQUIO**

Trabalho de Graduação apresentado à
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí -
“Deputado Ary Fossen” como requisito
parcial para a obtenção do título de
Tecnólogo em Eventos sob a orientação da
Professora Me. Adriana Perroni Ballerini.

Dedico este trabalho
À minha família e amigos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, pois sem ele não teria capacidade para desenvolver este trabalho. Agradeço à minha família por ter me apoiado em todo o curso, aos meus professores que sempre me motivaram nesta caminhada, aos colegas de sala e a todos que diretamente colaboraram comigo sem o qual eu não teria concluído este projeto.

EPÍGRAFE

"Se a vida te der limitações, limite-se a jamais aceitá-las, nunca desista. Siga em frente, faça da sua vida uma Olimpíada onde cada conquista é mais que superação, é uma vitória."

Viviane Souza Atleta Olímpica

Sousa Iolanda de Araújo **Paralimpíadas e a Evolução Histórica e Estrutural de um dos Megaevento: Desafios e Perspectivas dos Jogos de Tóquio** 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Tecnólogo em Eventos. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen”. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Jundiaí. 2021.

RESUMO

As Paralimpíadas podem ser consideradas um marco de superação do preconceito e inclusão. Porém, grandes dificuldades e adaptações ocorreram até chegar na estrutura atual. A Paralimpíada em sua XV edição tem superado desafios e se tornado um megaevento mundial. Como objetivo este trabalho busca compreender a evolução, a estrutura e seu funcionamento, além de analisar os desafios e perspectivas das Paralimpíadas de Tóquio em um período de pandemia da Covid-19. Para isso, a pesquisa quanto aos objetivos é exploratória e descritiva ao contextualizar a história dos Jogos Olímpicos até os Paralímpicos como sendo um megaevento, utilizando como procedimento a pesquisa bibliográfica, por meio de um levantamento de referências e análise documental, partindo de conceitos teóricos de registros descritivos sobre o que envolve uma Paralimpíada, suas modalidades esportivas e a evolução da estrutura do evento até a contemporaneidade. E por fim, é evidenciado por levantamento de informações, análise documental e estudo de caso o planejamento e organização dos jogos Paralímpicos de Tóquio 2021 e as potencialidades e impactos trazidos pela pandemia da Covid 19 na realização do evento.

Palavras-chave: Megaevento. Olimpíadas. Paralimpíadas. Jogos Paralímpicos de Tóquio.

Sousa Iolanda de Araújo **Paralympics and the Historical and Structural Evolution of one the Megaevents: Challenges and Perspectives of the Tokyo Games** 48 p.
End-of-course paper in Technologist Degree in Events Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - "Deputado Ary Fossen". Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Jundiaí. 2021.

ABSTRACT

Paralympians can be considered a milestone in overcoming prejudice and inclusion. However, great difficulties and adaptations occurred until reaching the current structure. The Paralympics in its XV edition has overcome challenges and become a worldwide megaevent. In order to understand the evolution, structure and is functioning, in addition to analyzing the challenges and perspectives of the Tokyo Paralympics in a pandemic period of 19" Covid-19. For this, research on objectives is exploratory and descriptive in contextualizing the history of the Olympic Games until the Paralympics as a mega-event, using bibliographical research as a procedure, through a survey of references and documentary analysis, starting from theoretical concepts of descriptive records about what involves a Paralympic, its sports modalities and the evolution documentary analysis, starting from theoretical concepts of descriptive records about what involves a Paralympic, its sports modalities and the evolution from the structure of the event to contemporaneity. Finally, it is evidenced by information gathering, document analysis and case study the planning and organization of the Tokyo 2021 Paralympic Games and the potentialities and impacts brought by the 19" Covid 19 pandemic in the event

Keywords: Mega event. Olympics. Paralympics. Tokyo Paralympic Games.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro símbolo Paralímpico usado entre 1988 e 1994.....	26
Figura 2: Símbolo Paralímpico atual.....	26
Figura 3: Mascote dos Jogos Paralímpicos: Mandeville	27
Figura 4: Mascotes Olímpico e Paralímpico Rio 2016: Vinicius e Tom	28
Figura 5: Número de medalhas brasileiras conquistadas nas Paralimpíadas ...	34
Figura 6: As mascotes oficiais das Olimpíadas de Tóquio 2021.	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação do atleta, conforme deficiência	29
Quadro 2: Modalidades Paralímpicas.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	antes de Cristo
Cm	Centímetros
COI	Comitê Olímpico Internacional
CPD	Comitê Paralímpico Brasileiro
FIE	Federação Internacional de Esgrima
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IPC	Comitê Paralímpico Internacional
Km	Quilômetros
M	Metros
SOCOG	Sydney Organising Committee for the Olympic Games
UCI	União Internacional de Ciclismo
USFEA	União das Sociedades Francesas de Esportes Atléticos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: BREVE HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO DOS JOGOS OLIMPÍCOS E ORIGEM DOS PARALIMPÍCOS.....	16
2.1	Jogos Olímpicos.....	17
2.2	Jogos Paralímpicos.....	23
2.2.1	Símbolos Paralímpicos	25
3	ESTRUTURA, FUNCIONAMENTO E LEGADO DAS PARALIMPÍADAS - PESQUISA.....	29
3.1	Classificação dos atletas	29
3.2	Modalidades Paralímpicas	30
3.3	Os excelentes resultados do Brasil nas Paralimpíadas	34
3.4	O legado dos Megaeventos	34
4	DESAFIOS E OPORTUNIDADES DAS PARALIMPÍADAS DE TÓQUIO - UM ESTUDO DO PLANEJAMENTO DO EVENTO	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

O trabalho aborda a trajetória das Paralimpíadas apontando sua evolução histórica e estrutural, como um acontecimento que se tornou um dos maiores eventos de massa do mundo, mostrando as conquistas a partir da superação, do importante papel de promoção da diversidade e de que forma o esporte inclusivo venceu desafios tornando-se um megaevento presente no calendário Olímpico.

A tecnologia aplicada na estrutura de organização deste evento também merece destaque, vista toda a evolução percorrida até o século XXI. Por outro lado, o avanço tecnológico e digital permite mais esportividade na participação do público, como por exemplo, as transmissões que destacam momentos marcantes, com qualidade visual e multimídias.

A pandemia da Covid-19, que teve início no ano de 2020, apresentou uma situação de emergência na saúde pública mundial, gerando por parte das organizações de saúde, novos regulamentos e protocolo sanitário internacional. Devido a este fato todos os eventos de grande, médio e pequeno porte foram cancelados e a programação dos jogos Olímpicos e Paralímpicos que ocorreriam em 2020, pela primeira vez na história, precisou ser adiado. Por isso, o trabalho aborda além da evolução desse megaevento, os impactos da pandemia nos jogos de Tóquio com previsão de acontecer em agosto de 2021.

Por fim, pode-se afirmar que esse megaevento tem demonstrado um crescimento acentuado e o país sede do evento costuma apresentar uma evolução em *performance* após a sua realização, como ocorreu no Brasil, que sediou a Paralimpíada de 2016. Segundo o site do Comitê Paralímpico Brasileiro (2020), a principal participação do Brasil ocorreu nos jogos do Rio-2016, quando foram conquistados 72 pódios, sendo 14 ouros, 29 pratas e 29 bronzes, sendo que o desempenho registrado merece destaque, já que houve uma alta de 67,4%, demonstrando uma importante evolução em relação à sua participação anterior.

A Paralimpíada (2016) mostrou, também, maior engajamento social tendo em vista que 93 brasileiros fizeram no Rio as melhores marcas de suas vidas, a geração pós-Londres que tinha quinze atletas com idade inferior a vinte e três anos subiu ao pódio, refletindo a superação dos preconceitos advinda de uma geração mais nova com uma mentalidade de inclusão e aceitação.

Para tanto, é proposto fundamentar os megaeventos Olímpicos, através da realização de uma breve contextualização histórica dos Jogos Olímpicos até os Paralímpicos e como o segundo tornou-se um megaevento global identificando a evolução em sua estrutura e de suas modalidades esportivas para avaliar o planejamento e organização da Paralimpíada de Tóquio 2021, mediante a pandemia da Covid-19.

Esse trabalho torna-se fundamental na contemporaneidade pela necessidade de trazermos o tema da inclusão com naturalidade em nosso meio e de que forma megaeventos como a Paralimpíada pode ser um diferencial na evolução desse tema e de modalidades esportivas para esse público. Porém, em um momento de pandemia, os megaeventos foram impactados e a Paralimpíada do Japão tem apresentado mudanças e novas formas de apresentação, por isso torna-se fundamental entender as perspectivas e desafios desse megaevento.

Portanto, para compreendermos estas mudanças é realizada uma metodologia de pesquisa dividida em duas etapas, sendo a primeira o desenvolvimento dos fundamentos estruturais dos megaeventos, partindo de conceitos teóricos de registros históricos e detalhamento do que envolve a Paralimpíada, as modalidades esportivas, a evolução da estrutura do evento até sua contemporaneidade.

Assim, será utilizada uma abordagem de pesquisa exploratória e descritiva relacionado aos objetivos de estudos de referenciais teóricos, por meio de um levantamento bibliográfico através de livros, sites de internet e revistas especializadas.

Na segunda etapa do procedimento técnico é realizada uma revisão bibliográfica e pesquisa para levantamento documental e estudo de caso sobre os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2021, enfatizando os desafios e perspectivas referentes aos impactos da Pandemia da Covid-19 no planejamento e organização do evento.

2 MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: BREVE HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO DOS JOGOS OLIMPÍCOS E ORIGEM DOS PARALIMPÍCOS

Hoje pode-se dizer que os eventos são incorporados no cotidiano de todas as pessoas nas mais variadas situações, atividades econômicas e sociais, independente de religião, raça ou credos. Giácomo (2007, p.40), explica que “O termo evento é definido como um acontecimento que reúne pessoas, os espectadores”. E segundo Zanella (2003), evento é uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em data e local especial, com objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos, e estabelecer contatos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica, etc.

A organização de um evento acontece quando tem data e horário de início e fim, realizado num tempo e local determinado, deve ser marcante, cheio de sensações, gerador de emoções para o público presente ou telespectador e ainda bem divulgado, deve incorrer algo novo, um componente criativo como fator importante para o seu sucesso. Já de acordo com Canton (1998), a organização do evento é fundamental para caracterizá-lo e principalmente, conseguir atingir seu auge, como:

A soma de ações previamente planejadas, com o objetivo de alcançar resultados definidos junto ao seu público-alvo. Planejadas, porque ele se realiza levando-se em consideração um fato ou acontecimento e as estratégias necessárias para viabilizá-lo de acordo com os interesses e expectativas de um cliente ou promotor, e os objetivos a serem alcançados junto a um determinado público. (CANTON, 1998, p.1)

É fundamental que ele seja bem-sucedido, pois o sucesso do evento está diretamente direcionado ao objetivo principal, gerando grandes expectativas antes, durante e após sua realização Farias (2014). Já um evento malsucedido gera frustração ao público e gerando efeitos indesejados ao que se pretendia promover. Assim, o público associa o fracasso do evento à marca, ao produto ou serviço do patrocinador. A notícia vai para mídia com o local do evento malsucedido, onde há uma perda de imagem por toda a entidade envolvida no evento.

Um megaevento representa, como o próprio prefixo sugere, uma ideia de grandiosidade, outra definição bastante simples é uma multiplicidade de eventos que são conectados de alguma maneira. Segundo (PUHL, 2016, p.1), “Entre diversas

estratégias ligadas ao marketing e a publicidade, a questão é como atrair um público que provém dos mais diferentes lugares do mundo e fazer com que essas pessoas se sintam acolhidas”. É o que ocorre com a Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, muito seguidamente para além do espaço-tempo do evento principal, em um período pré-estabelecido, já que se começa a falar muito tempo antes de ocorrer e segue-se falando muito tempo depois. Por isso, a ideia de grandiosidade.

Ao profundar o estudo sobre os mais variados conceitos de eventos percebe-se que as Olimpíadas – vista como um marco no setor de organização de eventos – chega a mobilizar pessoas de regiões, cidades, estados e países diferentes para se reunir em um local específico para praticar jogos esportivos, tendo sido iniciada na Grécia Antiga, afirma Matias (2001).

Os primeiros registros que identificaram deslocamento que podemos considerar como origem do turismo, mais especificamente do turismo de eventos, foram os primeiros Jogos Olímpicos da Era Antiga, datados de 776 a.C. (MATIAS, 2001, p.1)

Segundo (MATIAS, 2008, p.3), “O megaevento ainda se bem-sucedido irá projetar uma imagem positiva ou renovada da cidade e/ou país sede, por meio da mídia nacional e internacional, particularmente pela cobertura de televisão e mídias sociais.”

A civilização antiga deixou de herança para o Turismo de Eventos o espírito de hospitalidade, a infraestrutura de acesso e os primeiros espaços de eventos. A consolidação da área de atividade de Eventos e Turismo de Eventos ocorreu no século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, que trouxe um novo estímulo para a atividade comercial existente desde a Idade Média, a "feira". Mas, além das feiras, outros eventos, como as Exposições Mundiais, as Olimpíadas e a Copa do Mundo, obtiveram importante papel nesse processo, solidificando cada vez mais as bases da atividade. (MATIAS, 2008, p.11).

2.1 Jogos Olímpicos

O ser humano sempre foi ávido por viver situações de descobertas e de grandes acontecimentos. Desde a civilização antiga, encontramos os primeiros registros de deslocamentos de pessoas de uma localidade a outra, em que se reuniam para tratar

de assuntos de interesse de todos. Os primeiros registros que identificaram esses deslocamentos, que podemos considerar como mais especificamente origem do Turismo de Eventos, foram os primeiros Jogos Olímpicos, da Era Antiga, datados de 776 a.C. (LIMA, 2009, p.2)

A maioria das publicações que tratam sobre o assunto repete a mesma história, normalmente preocupando-se em relatar o surgimento dos Jogos Antigos e seu ressurgimento em 1896 com Pierre de Coubertin, concebidos como Olimpíadas Modernas. Por sinal, ao referir-se aos Jogos Olímpicos antigos, histórias diversas surgem para tentar explicar sua verdadeira origem. Na maioria das vezes, tais narrativas se preocupam apenas em citar que as Olimpíadas Modernas aparecem como uma continuação dos antigos Jogos Gregos. (LIMA, 2009, p.1)

Segundo (RÚBIO, 2010, p.57), “A ideia inicial, e que posteriormente foi perpetuada, era da celebração de uma competição de caráter internacional, com realização quadrienal, cujos participantes estariam vinculados a representações nacionais”.

Esse tipo de evento acontecia na Grécia de quatro anos e possuía caráter religioso. No período em que estava ocorrendo os jogos, estabelecia-se uma trégua e nenhum tipo de guerra era travado. O sucesso dos Jogos Olímpicos, realizados em Olímpia, fez com que outras cidades gregas, como, por exemplo, Corinto, passassem a organizar seus próprios jogos, concursos e demais atrações. A história de origem se funde com mitos, na qual destaca-se a seguinte versão mais abordada nas minhas fontes de pesquisa. Onde, os gregos queriam fazer uma homenagem a Zeus, Apolo, Afrodite e todos os seus deuses, adorados em um templo especialmente construído em Olímpia, por isso instituíram uma grande festa batizada de jogos Olympikus, os grandes jogos disputados pela primeira vez em 776 a.C. quando aparecem documentos e monumentos, a primeira lista de heróis e vencedores Olímpicos. Foi a partir dos Jogos Olímpicos que o espírito se desenvolveu. Conta a história que Zeus disfarçava-se de filiado das reuniões e que as vilas recebiam muito bem os participantes, porque entre eles podia estar o deus. (CORNELSEN, 2006, p.199).

Os Jogos Olímpicos antigos eram festivais sagrados, nos quais os atletas competiam para servir aos deuses; por outro lado, as Olimpíadas Modernas, nasceram sem vínculo religioso, idealizada por Pierre de Coubertin seguidor da teoria darwinista, e que teve início na Inglaterra logo após a Revolução Industrial, surgindo como um evento laico e sem nenhuma relação com a divindade (HELAL, 1990, p.35).

As competições aconteciam de quatro em quatro anos duraram mais de um Milênio os gregos disputavam esportes dentro de cada cidade encontrado nos jogos uma forma pacífica que reuniu sua população que viviam em guerra, apesar de falarem a mesma língua e serem da mesma religião. (CORNELSEN, 2006, p.206)

No início eram disputados com uma única prova a corrida de 170 metros, aos poucos foram incluídos o box, a luta a corrida de bigas, o pentatlo, os jogos olímpicos da antiguidade duraram até 396 d. C. quando o Imperador Romano Teodósio I os banuiu dando uma desculpa de que se tratava de uma festa pagã mais tarde a cidade de Olímpia seria conquistada pelos Romanos sendo varrida do mapa por um terremoto do século VI. (AQUINO, 2001, P.139).

Em outras versões podemos encontrar o marco inicial com a prática de esportes como motivo de trégua em meio a conflitos, conforme citado por Rúbio (2010), ao referenciar que:

O estabelecimento do Movimento Olímpico nos idos de 1894 coincide com a criação e proliferação de um amplo espectro de organizações de cunho internacionalista, cujo principal objetivo era a promoção da paz. Isso porque, embora durante o século XIX tivesse ocorrido um grande desenvolvimento das ciências humanas e da produção de ideias, os conflitos ainda eram resolvidos de forma brutal por meio da guerra. As organizações internacionalistas buscavam a resolução de conflitos, tanto de ordem interna como externa, pelo uso da razão e das leis, e não pelas armas. Dentro dessa lógica a competição esportiva era uma forma racionalizada de conflito, sem o uso da violência. (RÚBIO, 2010, p.56).

Apesar de muitas interrupções devido a guerras e conflitos trazerem poucos registros, a organização do evento começa a se estruturar e ganhar força e fica conhecida a partir daí como os Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Para (RÚBIO, 2010, p.57), há quatro grandes momentos da história das Olimpíadas que podem ser identificados da seguinte maneira: I. fase de estabelecimento - de Atenas 1896 a Estocolmo 1912; II. fase de afirmação - Antuérpia 1920 a Berlin 1936; III. fase de conflito - de Londres 1948 a Los Angeles 1984; IV fase profissional - de Seul 1988 até os dias atuais.

A fim de estabelecer uma ordem nos acontecimentos da história Olímpica contemporânea é apresentado a seguir como e quando se deram os Jogos Olímpicos da Era Moderna e os principais acontecimentos mundiais que seguiram e mudaram seus rumos. (RÚBIO, 2010, p.57)

A cidade de Atenas após decidida a volta dos Jogos Olímpicos teve apenas dois anos de preparação para realizar o evento, apesar das primeiras Olimpíadas da era moderna terem um porte bem menor do que se vê hoje em dia, mas era preciso construir toda a infraestrutura e o evento. (TEIXEIRA, 2019, p.11)

Nesse sentido, a divisão entre Jogos Olímpicos Antigos e Modernos parece de algum modo se adequar a esse entendimento. Depois de anos esquecidos, os Jogos foram retomados e reestabelecidos com uma “nova roupagem”, sendo socialmente instituídos como “modernos. (TEIXEIRA, 2019, p.11).

Correu o risco de naufragar antes mesmo da sua realização, por falta de recursos financeiros. Porém, graças a uma doação de um milhão de dracmas do milionário grego Georgios Averoff, juntamente com outras doações conseguiu-se toda a estrutura pronta em tempo para realização dos jogos que se iniciaram em 6 de abril de 1896. (FOLHA ONLINE 2021)

Em 10 dias o estádio Panathinaiko todo construído em mármore recebeu 43 provas disputadas por 245 atletas de 14 países. No salto triplo o professor norte-americano James Connolly consagrou-se o primeiro campeão Olímpico ao saltar 13M e 71cm. No atletismo, também norte-americano Thomas Burke criou uma maneira eficiente de largada na prova de 100 metros, enquanto seus adversários alinhavam-se de lado para partida, Thomas preferiu se agachar apoiando suas duas mãos no solo, estendendo uma perna para trás e dobrando a outra. A posição inovadora de Burke é usada até hoje na saída de todas as provas de curta distância. (FOGUEL, 2016, p.25).

Na maratona, o grego Spiridon Louis chegou em primeiro lugar, ele era um pastor de ovelhas e andava até 28km por dia para cumprir sua tarefa e reforçar seu orçamento, levando água de sua vila para ser vendida em Atenas. Na cerimônia de premiação, o financiador dos jogos Georgios Averoff ofereceu a mão de sua filha para o vencedor da maratona, mas ele não quis ficar com a garota. Ao final Spiridon Louis ganhou um cavalo e uma carroça. (MATTHIESEN, 2012, p.467).

Houve um fato inusitado o também grego Spiridon Belokas que chegou em terceiro lugar na maratona foi desclassificada por ter feito parte do percurso em uma Carruagem. (GONZÁLEZ, 2011, p.33).

Nos jogos de Paris (1900), a cidade luz tornou-se ainda mais alegre e movimentada, mas não por causa dos Jogos Olímpicos. Isso porque o evento foi realizado junto a exposição Universal, que ofuscou as provas Olímpicas com exibição dos avanços tecnológicos mais modernos da época. A desorganização e a falta de informação foram constantes, muitos atletas sequer receberam suas medalhas. Aliás boa parte dos atletas não sabia que o evento esportivo que estava participando era uma Olimpíada. (AMARO, 2014, p.8).

Apesar dos esportes tradicionais como box, luta livre, levantamento de peso não estarem presente dos jogos de Paris, o cabo de guerra foi elevado a condição de esporte Olímpico naquela edição. Na natação submersa que foi disputada apenas em 1900, o atleta ganhava dois pontos a cada metro nadado e mais um ponto a cada segundo sub a água. Outro esporte disputado nos jogos de Paris (1900) foi o tiro ao pombo que provocou vários protestos, apenas 4 atiradores do 55 inscritos participaram da prova, para aqueles que não quiseram matar pombos, a organização dos jogos criou um tiro ao prato. Apesar de todos os problemas houve aspectos positivos como a primeira participação feminina nos jogos. A primeira campeã Olímpica foi a tenista britânica Charlotte Cooper vencendo o torneio de simples e o torneio de duplas mistas. No Remo, a equipe holandesa substituiu nas últimas horas seu timoneiro por um garoto de aproximadamente dez anos. Curiosamente, não há registros de seu nome e sua idade exata e se fossem confirmados os seus 10 anos de idade, ele entraria para a história como o novo campeão Olímpico. (BADENAS, 2019, p.12).

Historicamente, os jogos Olímpicos serviram de cenário para contestações políticas como foi Monique em 5 de setembro de 1972, quando o grupo palestino Setembro Negro promoveu dentro da Vila Olímpica contra a delegação de atletas de Israel. Tal ação começou com um plano de sequestro e terminou no massacre de onze atletas judeus. Também em Berlim em 1936, nos Jogos Olímpicos de Verão, a ditadura nazista de Adolf Hitler infiltrou-se na organização para uma demonstração da supremacia nazista. Atletas judeus de diversos países decidiram boicotar os jogos de Berlim. Porém, após o Sindicato dos Atletas Amadores dos Estados Unidos haver decidido participar, outros países seguiram aquela decisão e os movimentos mais extensos de boicote não obtiveram êxito. (RÚBIO, 2010, p.61).

O fato é que as agências esportivas tentam fazer o máximo possível de esforço para retirar qualquer tipo de manifestação, tanto religiosa, quanto política ou de qualquer natureza étnica. Os Jogos Olímpicos envolvem o discurso nacionalista, produzido fora do universo esportivo. O surgimento dos jogos modernos se deu pelo Barão Coubertin, nascido em Paris, na França, em 1º de janeiro de 1863, o Barão de Coubertin se tornou uma das mais importantes personalidades do esporte mesmo sem ter marcado um único gol ou um único ponto em competições oficiais.

As modernas Olimpíadas, ou seja, o período em que ocorrem as edições dos Jogos Olímpicos, dividem-se em Jogos de Inverno e de Verão, ocorrem de quatro em quatro anos, como na Antiguidade, alternando-se a cada dois anos entre os Jogos de Verão e os de Inverno. (RÚBIO, 2010, p.57)

Devido ao empenho do Barão Coubertin os jogos Olímpicos nascem após 16 séculos de hibernação um pouco antes da disputa dos jogos.

Diferentemente da dificuldade para definição da sede ocorrida nas edições iniciais, na atualidade, a realização das competições é disputada por grandes metrópoles dos cinco continentes, em um processo que demanda alguns anos. (RÚBIO, 2010, p.57)

Apenas o barão de Coubertin assumiu a presidência do Comitê Olímpico Internacional, cargo que ocupou até 1925, no comando a principal a luta do francês foi impedir a presença de atletas profissionais nas disputas o barão gastou toda sua fortuna para colocar em prática o sonho das Olimpíadas. Morreu pobre e isolado em 2 de setembro de 1937, na cidade de Genebra, na Suíça, como forma de reconhecimento seu coração foi transportado a Olímpia na Grécia onde repousa até hoje no mausoléu. “O importante não é vencer, mas competir e com dignidade!” Esse era o lema do educador francês. (RÚBIO, 2010, p.59-60).

Pierre de Frédy (1863-1937), mais conhecido pelo seu título nobiliárquico de Barão de Coubertin, nasceu em Paris (França) a 1 de janeiro de 1863 no seio de uma família aristocrática faleceu aos 74 anos em Genève (Suíça) a 2 de setembro de 1937. Pierre de Coubertin, o francês que com razão foi considerado o fundador do Movimento Olímpico moderno. Conhecido como “Renovador dos Jogos Olímpicos” sempre se considerou um pedagogo e historiador, explorando todos os campos da atividade humana e, como tal, merecendo o nobre título de “humanista”. Dono de um bom conhecimento da pedagogia e da dimensão desportiva do mundo anglo-saxão, foi inspirado pelas suas visitas a colégios ingleses e americanos, propondo-se melhorar os sistemas de educação. As suas ideias e iniciativas foram imortalizadas em ensaios e livros e revestem-se de uma atualidade admirável, demonstrada nas numerosas obras publicadas nos últimos oitenta anos por universitários, historiadores, eminentes pesquisadores fascinados por este personagem excepcional. (QUEIRÓS, 2016, p.1).

Hoje, as Olimpíadas são definidas como um dos maiores e mais esperados eventos do mundo, tornando-se uma tradição entre as nações, além de gerarem uma grande expectativa, um aumento constante de participação e uma história de grandes conquistas e marcos, reinventando o mundo dos esportes.

2.2 Jogos Paralímpicos

Ao explorar a pesquisa sobre as Paralimpíadas é notável a existência de duas grafias distintas para um mesmo significado: Paralimpíadas e Paraolimpíadas.

Segundo (COSTA, 2004, p.31) “O termo Paralímpico começou a ser usado em 1964, durante os Jogos de Tóquio, com fusão das palavras *paraplegia* e *Olímpico*.”

O artigo publicado pela revista Exame (2016, p.1) afirma que “A questão vai muito além do certo ou errado, graças aos consideráveis avanços linguísticos no Brasil e no mundo. Em outros termos, é questão de uso e respeito ao falante brasileiro.” Traz ainda um esclarecimento mais amplo sobre o assunto, onde as duas versões estão corretas.

Como se sabe, segundo o Oxford English Dictionary, o termo "paralympic" foi cunhado nos anos 1950 a partir da união de pedaços dos vocábulos "paraplegic" e "olympic", já que, em sua primeira edição, o evento era dirigido exclusivamente para quem sofria algum tipo de paralisia.

Em recente pesquisa, chama-me atenção a visão crítica do importante gramático Cláudio Moreno: "- paralympics tornou-se discutível mesmo no Inglês, sua língua de origem: como os jogos passaram a incluir portadores de outras deficiências, a ideia primitiva de paraplegics desapareceu, e o vocábulo passou a ser reanalisado como para+olympics, onde o primeiro elemento é o prefixo de origem grega "para", que significa, entre outras coisas, "semelhante, paralelo" — o mesmo que encontramos em paramilitar, paradidático e paramédico, ideia também presente na paraolimpíada, que passou a ser um evento regular, paralelo e estreitamente relacionado à olimpíada." (PATI, C. Revista Exame, 2016).

A recomendação do International Paralympic Committees¹ para que todos os comitês nacionais adotem "Paralimpíada" e variações. Portanto, todo trabalho será referido seu conteúdo como Paralimpíada.

As Paralimpíadas nasceram da iniciativa de um médico que pensava na qualidade de vida de seus pacientes paralíticos.

¹ International Paralympic Committees - COMITÉ PARALÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: <https://www.paralympic.org/>.

Segundo (MACHADO, 2012), em 1918 aconteceu as primeiras organizações de jogos Paralímpicos, porém de forma não oficial ainda, foi apenas em 1948 que um jogo oficial realmente aconteceu.

Em uma análise histórica, o primeiro registro de esportes que incluíram pessoas com deficiência remonta ao ano de 1918, na Alemanha. Eram competições de tiro e de arco e flecha em que participavam soldados mutilados na Primeira Guerra Mundial. O segundo registro de esportes para deficientes, cronologicamente, ocorreu em 1932 na Inglaterra, onde foi criada uma Associação de Jogadores de Golfe que possuíam um único braço. No entanto, a grande expansão de esportes para pessoas com deficiência ocorreu com base em uma das leis do mercado, a lei da oferta. (MACHADO, 2012, p.379).

O médico judeu Ludwig Guttmann considerado o pai das Paralimpíadas, que fugiu da Alemanha vindo para a Inglaterra cuidar de veteranos da Segunda Guerra Mundial, acreditava que o esporte poderia ajudar no tratamento de paraplégicos e passou a organizar competições entre os pacientes. Já em 1948, ele organizou um campeonato de arco e flecha com 16 pacientes, sendo 14 homens e 2 mulheres, exatamente no dia da abertura das Olimpíadas de Londres sendo a primeira competição Paralímpica, realizada em Stoke Mandeville uma cidade a uma hora de Londres. Já em 1952, os Jogos de Mandeville ganharam projeção, contando com a participação de 130 atletas portadores de deficiência. Em 1960, com apoio do Comitê Olímpico Italiano, a Paralimpíada contou com a participação de 230 atletas de 23 países, conforme o que foi proposto por Antonio Maglia, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, para que os Jogos de Mandeville se realizassem em Roma, após as Olimpíadas. (CARDOSO, 2014, p.136). Nos Jogos de Pequim, em 2008, foram 3.951 participantes de 146 países. O movimento tem crescido de maneira significativa desde os primeiros dias. No entanto, hoje as Paralimpíadas são eventos de esporte voltada para o alto rendimento dos atletas deficientes, onde é enfatizado mais as conquistas do que as deficiências de seus participantes.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, inúmeros ex-combatentes de guerra ficaram mutilados ou com lesões na coluna vertebral, tornando-se paraplégicos ou tetraplégicos. A maior parte desses combatentes era tratada no Centro Nacional de Lesionados Medulares, em Stoke Mandeville, na Inglaterra. Nesse centro, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann iniciou um tratamento com seus pacientes que incluía o esporte como uma alternativa de reabilitação. Posteriormente, no ano de 1948, aconteceu em Stoke Mandeville a primeira competição para atletas com deficiência, a qual coincidiu com as Olimpíadas, que estavam ocorrendo em Londres. (MACHADO, 2012, p.379).

O berço do esporte para deficientes o Hospital, onde o Dr Guttman trabalhava funciona até hoje e próximo a ele fica um centro de reabilitação e treinamento. “O trabalho de reabilitação buscou no esporte não só o valor terapêutico, mas o poder de suscitar novas possibilidades, o que resultou em maior interação dessas pessoas”. (COSTA, 2004, p.30).

A organização desses jogos de pessoas com deficiências aconteceu na mesma época das Olimpíadas. Segundo MACHADO, (2012, p.379) “os jogos para pessoas com deficiência passaram a acontecer na mesma cidade das Olimpíadas, porém sempre após os Jogos Olímpicos já terem ocorrido.” E esse segmento continua acontecendo da mesma forma inicial.

Os Jogos Paralímpicos têm sido sempre realizados no mesmo ano dos Jogos Olímpicos. Desde a Paralimpíada de Seul, em 1988, também têm sido sediados no mesmo local. Em 19 de junho de 2001, foi assinado um acordo entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) que assegura esta prática para o futuro. (Site da Secretaria da Educação do Paraná, 2012).

Desde então, a cidade-sede escolhida também é obrigada a acolher a Paralimpíada.

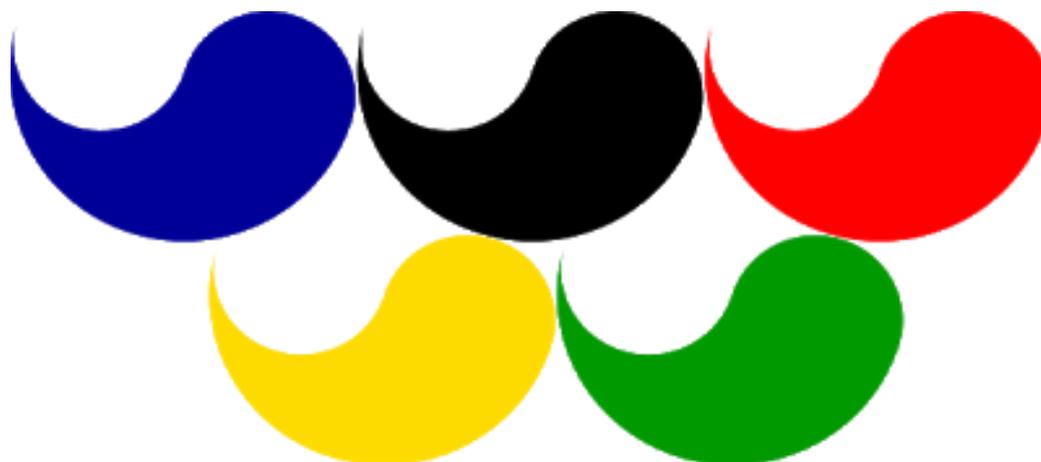
O papel da mídia para disseminar a ideia de que inclusão é para todos, teve um fundamental papel que contribuiu muito para chegar ao nível desse evento Paralímpico esportivo que temos hoje.

No processo de expansão das políticas de inclusão, a mídia exerce seu papel como uma das divulgadoras desse discurso. Os discursos que abordam a inclusão social encontram na mídia televisiva as condições de possibilidade para serem exercidas, que ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. (MACHADO, 2012, p.383).

2.2.1 Símbolos Paralímpicos

Entre 1988 e 1994, o primeiro símbolo utilizado nas Paralimpíadas era composto de cinco Tae-Geuks, que se originava do símbolo antigo do Tai-Chi. Nas cores azul, preto, vermelho, amarelo e verde, o fundo branco, representam as cores mais utilizadas nas bandeiras de todos os países do mundo. Esta forma também simboliza a visão Paralímpica de permitir que atletas Paralímpicos alcancem a excelência no esporte para inspirar o mundo. (GOLD, 2007, p.138). Como pode ser observado na figura 1.

Figura 1: Primeiro símbolo Paralímpico usado entre 1988 e 1994.



Fonte: Regys Silva, 27 agos. 2016

O segundo símbolo foi criado em 2003, pela agência de publicidade Scholz & Friends e aprovada pelo IPC, mas não houve tempo para os "Agitos" serem utilizados nas Paralimpíadas de 2004. Apenas na passagem da bandeira de Atenas para Pequim, é que o símbolo recém-criado apareceu pela primeira vez nas Paralimpíadas. (GOLD, 2007, p.139).

Conhecidos por "Agitos", os atuais símbolos dos Jogos Paralímpicos são em três cores: azul, vermelho e verde, que circulam um único ponto em um campo branco, conforme imagem a seguir. O agito (que significa movimento em latim) é o símbolo do movimento em um crescente assimétrico. A forma também simboliza a visão Paralímpica de "Permitir que atletas Paralímpicos alcancem a excelência no esporte para inspirar o mundo". (GOLD, 2007, p.139). Como podemos observar a figura 2.

Figura 2: Símbolo Paralímpico atual



Fonte: Regys Silva, 27 agos. 2016

O logotipo do “Comitê Paralímpico Internacional” (CPI) é formado por três cores: o vermelho, o azul e o verde, que simbolizam a mente, o corpo e o espírito respectivamente.

A mascote dos Jogos Paralímpicos era chamada de Mandeville, da figura a seguir, numa referência a Stoke Mandeville, local que foi o berço do Movimento Paralímpico. Como podemos observar na figura 3.

Figura 3: Mascote dos Jogos Paralímpicos: Mandeville



Fonte: Marcos Antônio, 01 set. 2016

Segundo (PUHL, 2016, p.3), os jogos realizados aqui no Brasil, no Rio de Janeiro em 2016 trouxe uma grande participação de brasileiros, incentivando o envolvimento na cultura do esporte no país e principalmente na inclusão.

O público brasileiro teve a oportunidade de votar em três opções de nomes para os mascotes. As opções eram: Oba e Eba, Tiba Tuque e Esquindim e os nomes vencedores Vinicius, para jogos olímpicos e Tom para os jogos paralímpicos, inspirados nos dois músicos da Bossa Nova Vinicius de Moraes e Tom Jobim. (PUHL, 2016, p.3)

Vinícius e Tom foram músicos da Bossa Nova, autores de músicas mundialmente conhecida como Garota de Ipanema, uma das canções mais tocadas pelo mundo. Eles são reconhecidos como sinônimo de excelência, bem de acordo com a marca que queremos deixar com os Jogos Rio 2016. Além de representar a fauna e flora brasileira, nossas mascotes agora também se associam com o melhor da nossa música”, diz Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Organizador Rio 2016. Como podemos observar na figura 4.

Figura 4: Mascotes Olímpico e Paralímpico Rio 2016: Vinicius e Tom



Fonte: REDE NACIONAL do ESPORTE 2014

O fogo Paralímpico foi aceso no mesmo lugar onde foram realizadas as primeiras competições na década de 40. Na 14ª edição das Paralimpíadas, 4260 participantes de 166 países competiram. O que começou apenas para ajudar paciente, virou um megaevento esportivo. Silenciosamente, um médico fez uma revolução capaz de mudar imagens e conceitos, hoje milhares de portadores de deficiência são reunidos, sinalizando que uma grande festa está para começar. (Portal de notícias <http://g1.globo.com>, publicado em 2012).

A partir daí um grande cenário de inclusão começa a ser construído, agregando cada vez mais atletas com alta performance, onde a deficiência já não é mais um obstáculo e, às vezes, passa até despercebida mediante tanto talento.

3 ESTRUTURA, FUNCIONAMENTO E LEGADO DAS PARALIMPÍADAS - PESQUISA

3.1 Classificação dos atletas

Segundo o Comitê Paralímpico Internacional, a seguinte forma para classificação dos atletas com deficiência física é feita por cada modalidade esportiva através do sistema de classificação funcional. Este sistema visa classificar os atletas com diferentes deficiências físicas em um mesmo perfil funcional para a competição. Para que não haja vantagens obtidas pelo tipo ou nível de sua deficiência, o sistema tem como meta garantir que a conquista de uma medalha por um atleta seja fruto de seu treinamento, experiência, motivação.

O primeiro tipo de classificação para pessoas com deficiência física foi desenvolvido na Inglaterra, em 1940, por médicos e especialistas da área de reabilitação. Esta classificação é conhecida como classificação médica e foi desenvolvida para lesados medulares parciais ou totais, baseada no nível de lesão da medula. (CARDOSO, 2014, p.137).

O grau de deficiência dos atletas faz com que as categorias sejam divididas conforme disposto no quadro a seguir.

Quadro 1: Classificação do atleta, conforme deficiência

Sigla	Deficiência
AM	Amputados
IN	Deficiência intelectual
LM	Lesão medular
PC	Paralisia cerebral
PP	Paraplegia
VI	Deficientes visuais
LA	<i>Les autres</i> – deficiências não abrangidas pelas outras categorias

Fonte: Adaptado de CARDOSO, 2014.

Segundo Cardoso (2014 p.140) na Paralisia Cerebral existem mais fatores que se misturam e necessitam ser considerados na classificação, que irá depender do grau de espasticidade e de coordenação de cada atleta. O órgão que determina é a CP – IRSA (Cerebral Palsy – International Sports and Recreation Association). Existem as classes CP1 a CP8, o comprometimento maior está nas classes mais baixas e o esporte mais praticado por atletas com paralisia cerebral é a Bocha Adaptada. Na deficiência visual a classificação é determinada pela International Blind Sports Association (IBSA), a classificação é realizada conforme os parâmetros funcionais da acuidade visual e do campo visual, e são classificados em B1 – Cegueira Total, inapto ao reconhecimento de objetos ou contornos e B2 – Limitação no campo visual em 5º e 60º ou acuidade visual entre 2/60 e 6/60.

3.2 Modalidades Paralímpicas

As modalidades Paralímpicas são divididas em 24 tipos, disputadas por atletas portadores de deficiências, divididos em categorias funcionais de acordo com a limitação de cada um, conforme quadro a seguir.

Quadro 2: Modalidades Paralímpicas.

(continua)

Modalidade	Descrição
Atletismo	Oferece percursos para todas as deficiências e diferentes graus de intensidade, com competições para cadeirantes, para atletas com próteses e deficientes visuais que correm junto com um guia. Na pista, os atletas correm distâncias que variam de 100 a 5000 metros (incluindo revezamento). No campo, acontecem as disputas de saltos, lançamentos e arremessos. No último dia do evento, ocorre a maratona.
Basquete em cadeira de rodas	É jogado por atletas em cadeiras de rodas. A altura da cesta e o tamanho da quadra são iguais ao do basquete tradicional; No basquete em cadeira de rodas, as dimensões da quadra, a altura da cesta e o tempo de partida são iguais aos da competição de basquete dos Jogos Olímpicos. Nessa modalidade, os praticantes apresentam apenas limitações físicas/motoras.
Biatlo	Modalidade para pessoas com deficiência visual e física, divididas em três grupos. Em sua versão Olímpica, o biatlo combina a precisão da prova de tiro e o vigor do esqui cross-country.
Bocha	Há competições individuais, por equipes e em duplas. O objetivo é lançar as bolas coloridas o mais perto possível da bola-alvo (branca). Todos os atletas competem em cadeiras de rodas, e suas limitações compreendem paralisia cerebral e/ou deficiências severas.

Quadro 2: Modalidades Paralímpicas.

(continua)

Modalidade	Descrição
Ciclismo	O ciclismo de estrada e pista segue as regras da União Internacional de Ciclismo (UIC), com apenas algumas variações. As bicicletas são adaptadas de acordo com as limitações dos participantes. A handbike, por exemplo, é uma bicicleta em que os ciclistas pedalam com as mãos. As deficiências dos participantes podem ser subdivididas em: deficiência visual, paralisia cerebral, pessoas amputadas e cadeirantes.
Esgrima em cadeira de rodas	Segue as regras da Federação Internacional de Esgrima (FIE), com as adaptações feitas de acordo com as necessidades dos cadeirantes. As disputas são divididas de acordo com as limitações físicas dos participantes e, dentro dessas classificações, podem ser disputadas provas de florete, sabre ou espada, que movimentam diferentes partes do corpo e, conseqüentemente, usam equipamentos diversos para marcar a pontuação. Além disso, cada equipamento tem características distintas, como comprimento e peso. Nessa modalidade, podem participar pessoas com amputações, lesão medular e paralisia cerebral.
Esqui alpino	Recebe esportistas amputados, atletas com paralisia cerebral, paraplégicos e deficientes visuais, que são separados em três grupos. Há uma tecnologia que consegue adequar o tempo dos participantes conforme o grau de comprometimento para que todos possam disputar provas iguais.
Esqui cross-country	Prevê a participação de deficientes físicos e visuais.
Futebol de 5	É exclusivo para deficientes visuais, com exceção do goleiro, que não tem deficiência visual, mas não pode ter participado de competições oficiais da FIFA (Federação Internacional de Futebol) por cinco anos. A bola conta com guizos em seu interior que ajuda os jogadores a localizá-la pelo som e há também um chamador localizado atrás do gol que orienta os atletas a direcionar os chutes. O espaço usado para essa modalidade precisa ter bandas laterais, que impedem a bola de sair do campo, e essa prática exige silêncio total, pois os jogadores utilizam a audição para terem sucesso na partida.
Futebol de 7	É praticado por atletas com paralisia cerebral. Os jogadores são classificados de acordo com seu grau de comprometimento físico. Com exceção do tempo de jogo reduzido (dois tempos de 30 minutos), da ausência de impedimento, e da flexibilidade para cobrança de lateral com as mãos ou os pés, a dinâmica do jogo é muito similar à do futebol de campo.
Golbol (Goalball)	É praticado exclusivamente por deficientes visuais. A disputa acontece em uma quadra com as mesmas dimensões das de vôlei, com um gol de cada lado da quadra. Além de a bola ter um guizo, para que os jogadores consigam se posicionar, na quadra há indicações táteis nas linhas de demarcação. Todos os jogadores são atacantes e defensores, e independentemente do nível de deficiência visual, todos competem vendados.
Hipismo	O adestramento paraequestre tem três provas: individual, estilo livre individual e competição por equipes. Podem participar dessa modalidade desde atletas cadeirantes e amputados até atletas com pouca dificuldade de locomoção.
Hóquei sobre trenó	É a adaptação paralímpica do tradicional hóquei no gelo. Concorrem somente os atletas que tenham a mobilidade dos membros inferiores comprometida.

Quadro 2: Modalidades Paralímpicas.

(continua)

Modalidade	Descrição
Judô	<p>É disputado por pessoas deficientes visuais, os atletas são divididos em categorias de acordo com seus pesos corporais.</p> <p>Dentre as adaptações para esse esporte, é importante ressaltar que o combate só é iniciado quando os atletas estão segurando o quimono um do outro e, caso o contato entre os participantes seja perdido, a luta é interrompida.</p>
Levantamento de peso	<p>Realizado por paraplégicos, esportistas com paralisia cerebral e amputados dos membros inferiores.</p> <p>No halterofilismo, os esportistas competem deitados em um banco, e executam o movimento conhecido como supino.</p> <p>Com 10 categorias, os competidores são classificados como amputados, lesionados medulares (debilidades motoras em membros inferiores) e paralisados medulares.</p>
Natação	<p>É uma das modalidades mais concorridas dos Jogos, conta com a participação de deficientes visuais e físicos conforme os seus resultados em cada tipo de nado. É proibida a utilização de próteses ou qualquer outro recurso que ajude o competidor, com exceção dos <i>tappers</i>, que orientam os deficientes visuais sobre a proximidade da borda da piscina.</p> <p>A natação tem 29 provas: 14 masculinas, 14 femininas e um revezamento misto. Os atletas são agrupados em 14 classes funcionais: de 1 a 10 são nadadores com limitações físicas/motoras, de 11 a 13 são nadadores com deficiência visual, e 14 é a classe dos nadadores com deficiência intelectual.</p>
Parabadminton	<p>Com regras similares às do badminton, o parabadminton também utiliza classificações funcionais para seus atletas.</p> <p>*Essa modalidade será considerada paralímpica a partir dos Jogos Paralímpicos de Tóquio, em 2020/21.</p>
Paracanoagem	<p>São disputadas apenas com caiaques, e na distância de 200 metros. Em geral, os atletas têm limitações físicas nos membros inferiores, nos braços e/ou no tronco. No Brasil, as disputas incluem caiaques e canoas, em provas com distâncias de 200 a 500 metros.</p>
Parataekwondo	<p>Além da divisão por pesos, tem duas classes de disputas: poonse e kiorugui. Na primeira, os atletas são classificados por categorias: deficiência visual, intelectual, física, auditiva; além de nanismo (baixa estatura). A classe kiorugui é somente para atletas com deficiências físicas.</p> <p>*Essa modalidade será considerada paralímpica a partir dos Jogos Paralímpicos de Tóquio, em 2020/21.</p>
Remo	<p>Todas as provas de remo são disputadas em distâncias de 1000 metros, não importando a categoria. Podem participar atletas com deficiência em membros superiores, inferiores, e/ou no tronco. As disputas são realizadas de forma individual, em duplas (obrigatoriamente um homem e uma mulher) e em quarteto misto (dois homens, duas mulheres e um timoneiro).</p>
Rugby em cadeira de rodas	<p>Competem tanto homens quanto mulheres, sem divisão por gênero. Os jogos acontecem em quadras, e o objetivo é passar a linha do gol com as duas rodas da cadeira e a posse da bola.</p> <p>Podem participar da modalidade atletas com tetraplegia ou com deficiências físicas cujas sequelas sejam similares.</p>
Tênis de mesa	<p>Com regras e dinâmica semelhantes às dos Jogos Olímpicos, o tênis de mesa permite a participação de atletas com paralisia cerebral, amputados e cadeirantes, e a divisão é feita entre andantes, cadeirantes, e andantes com deficiência intelectual.</p>

Quadro 2: Modalidades Paralímpicas.

(conclusão)

Modalidade	Descrição
Tênis em cadeira de rodas	Para participar do tênis em cadeira de rodas, por sua vez, é preciso um diagnóstico de deficiência locomotora. Diferentemente do que ocorre na modalidade olímpica, são permitidos dois quiques da bola antes de cada rebatida.
Tiro com arco	Os atletas são subdivididos em classes que separam quem tem apenas limitações em membros inferiores, atletas com limitações em membros inferiores que não necessitam de cadeira de rodas, e atletas com limitações motoras diversas (pernas, braços e/ou tronco). A disputa tem dinâmica idêntica à de sua versão olímpica.
Tiro esportivo	Divididos em atiradores de pistola e de carabina, no tiro esportivo os atletas podem apresentar diferentes tipos de deficiência em membros inferiores ou superiores, sendo que, dentro de suas classificações, são divididos em atiradores que precisam ou não de suporte para a arma.
Triatlo	Reproduz a prova olímpica em distâncias reduzidas pela metade: de 750 metros de natação, 20 quilômetros de ciclismo e 5 quilômetros de corrida. Os triatletas são divididos em classes de deficiências físicas/motoras e visuais.
Vela	Não apresenta divisão por gêneros e é disputada em três classes. As disputas são feitas individualmente, em duplas mistas, ou em trios (masculinos ou femininos). A classificação funcional leva em conta vários aspectos motores dos participantes (estabilidade, mobilidade, visão e função motora).
Vôlei sentado	Os participantes são classificados em jogadores com mobilidade debilitada e minimamente debilitada. Cada equipe só pode ter dois jogadores classificados como minimamente debilitados, e estes não podem estar em quadra ao mesmo tempo.

Fonte: Adaptado de Experiências no Esporte Paralímpico 2020.

Os esportes praticados por atletas com algum tipo de deficiência são diferentes dos esportes comumente divulgados e apresentados pela mídia ou conhecidos socialmente. Esses esportes foram criados, adaptados e legitimados pelo Comitê Paralímpico Internacional, que designou cada um deles para um “tipo” de atleta diferente, “encaixando” os participantes de acordo com suas possibilidades ou limitações de movimento. (MACHADO, 2012).

As modalidades Paralímpicas são criadas a partir das convencionais e contam com adaptações que são desenvolvidas para que as pessoas com deficiência possam praticar e competir, respeitando suas características. A crescente evolução nos meios adaptáveis é fundamental para toda equipe, para o atleta no seu preparo físico, para a equipe técnica do atleta e, também, para os equipamentos utilizados em cada modalidade esportiva.

3.3 Os excelentes resultados do Brasil nas Paralimpíadas

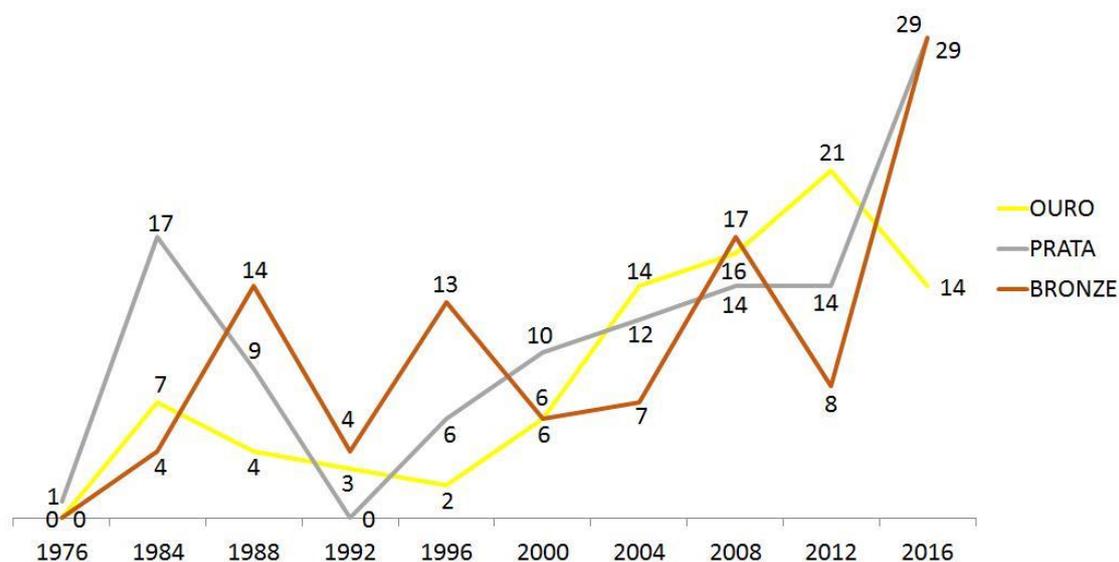
O Brasil tem conquistado um ótimo posicionamento desde os Jogos de Atenas, ficando atrás apenas de Estados Unidos e Canadá. Na edição mais recente da competição, que aconteceu no Rio de Janeiro, o Brasil totalizou 72 medalhas. Foi um salto significativo em relação às Paraolimpíadas anteriores, quando o país chegou ao pódio 43 vezes.

A maior delegação brasileira na história dos jogos, com 285 atletas que participaram das Paralimpíadas do Rio de Janeiro/2016. “Atualmente, o Brasil é considerado uma potência Paralímpica, conquistou o 8º lugar no quadro geral de medalhas nas Paralimpíadas Rio 2016”. (SERON, 2020. pág.25)

Os esportistas brasileiros destacam-se, sobretudo nas modalidades de atletismo e natação. Destaque para Daniel Dias que é o nadador Paralímpico brasileiro que mais conquistou medalhas, totalizando 24 medalhas, sendo 10 de ouro.

Figura 5: Número de medalhas brasileiras conquistadas nas Paralimpíadas

CONQUISTAS DE MEDALHAS DO BRASIL POR JOGOS PARALÍMPICOS



Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2020.

3.4 O legado dos Megaeventos

Um conceito inventado pelas agências organizadoras dos eventos e praticamente pelo Comitê Olímpico Internacional é o legado que um megaevento

deixa para o país sediado, justamente a partir de um certo momento em que o montante de investimentos necessários para sediar os jogos, tornam-se bastante significativos. Então, se criou essa ideia de legado, uma espécie de contraponto, ou seja, a ideia de que ao se gastar muito para investir, também vai haver um certo retorno, somando e diminuindo as muitas tensões marcadas pela realização dos megaeventos.

A discussão sobre os megaeventos esportivos, em geral, e seus legados, em particular, vem se desenvolvendo em diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da Educação Física, da Administração, do Planejamento Urbano, da Ciência Política e do Direito. Apesar desse caráter multidisciplinar, entendemos que os estudos a partir dos quais cada uma dessas áreas examina a temática são municiados de dilemas e questões que são inerentes às respectivas disciplinas acadêmico-científicas, ainda que em diálogo com as demais. (TOLEDO, 2015, p.24)

As principais vantagens e desvantagens de sediar um megaevento esportivo começam com a relação custo-benefício para o país sede. No Brasil, por exemplo, pode-se observar isso historicamente, ainda que num processo de tempo relativamente curto, da forma como isso foi sendo construído, ou seja, quando se começou a falar da possibilidade concreta de realização da Copa no Brasil foi entre 2004 e 2005. Assim, se tinha ideia de um evento extraordinário, com a utilização dos recursos privados, com a presença de imigrantes, com qualidade internacional do país e com um retorno inclusive econômico muito significativo.

Segundo (TOLEDO 2015), “o intuito dos organizadores, aqui, era “vender” a organização desse evento regional como um estágio de aprendizado para que a cidade se credenciasse em mais uma tentativa de sediar os Jogos Olímpicos”.

Os governantes e organizadores de megaeventos, como os Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Jogos Pan-americanos e outros, acreditam que esses eventos ajudam a nomear necessidades econômicas, culturais e os direitos dos cidadãos locais, mesmo eles não sendo consultados para participarem da sua realização. (MATIAS, 2008, p.3)

Em primeiro lugar tem que se observar que a quantidade de recursos que o megaevento recebe é muito vantajoso e significativo, não tanto pela parte de recursos privados, vindos de fora do país, mas sobretudo de recursos federais que são investidos na cidade sede, com que se pode fazer uma série de obras, algumas que estavam programadas e outras que não estavam, a outra questão muito importante sobre os projetos ambientais que o megaevento deve trazer para a cidade sede. Nos

jogos Olímpicos de Sidney 2000, o projeto ambiental foi apresentado ao COI e implementado pelo SOCOG teve seus projetos e construções assessorados pelo Greenpeace, e passou a ser sugerido como modelo para as futuras candidatas a sediar o evento, segundo (MATIAS, 2008, p.77).

Já no caso do Rio de Janeiro, a concentração principal das obras foi em regiões de população de classe média/alta, então se constroem estruturas viárias de lazer, projetos de embelezamento, para esta classe da população, ou seja, esses ganhos quase nunca são generalizados. Em contrapartida, outros tantos trabalhos e também movimentos sociais mostram isso, a população mais humilde e frágil é seguidamente impactada com as remoções, porque se usa a realização dos megaeventos como argumento para acelerar o processo de desocupação pressionando muitas vezes essas comunidades, exigindo que elas tomem decisões ou às vezes atropelando até mesmo os direitos que são garantidos constitucionalmente.

Caso a cidade candidata consiga ser eleita cidade sede, essas inter-relações ficam cada vez mais evidentes na fase do pré-evento, pois é quando se inicia a implementação de tudo que foi previsto no dossiê. Nessa fase do planejamento e organização do evento é onde as inter-relações ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais principalmente as negativas ficam mais evidentes, como por exemplo, a remoção dos excluídos socialmente (mendigos, pedintes, crianças abandonadas, moradores de rua e outros) para evitar a divulgação de uma imagem negativa da cidade. (MATIAS, 2008, p. 5).

Para (MATIAS, 2008), “uma crescente preocupação tanto com os efeitos sociais, quanto com os projetos ambientais e também com o legado que o acontecimento pode deixar para a população”.

O legado que fica para a população e para a cidade sede dos megaeventos esportivos, se bem aproveitado pelos organismos responsáveis pela atividade turística, irão estimular e beneficiar o desenvolvimento do turismo em longo prazo, pois esta é uma das principais características desses eventos. (MATIAS, 2008. Pag.22)

O maior legado que os jogos paralímpicos podem deixar é a mudança cultural e a conscientização quanto as capacidades e qualidades das pessoas com deficiência, a acessibilidade mais ampla nas cidades e nas empresas para se equipararem melhor e receberem bem estas pessoas nos espaços públicos.

Enfim, derrubar barreiras atitudinais e desmistificar o cunho pejorativo da deficiência são grandes colaborações tanto das Paralimpíadas como das Leis de acessibilidade e inclusão.

4 DESAFIOS E OPORTUNIDADES DAS PARALIMPIADAS DE TÓQUIO - UM ESTUDO DO PLANEJAMENTO DO EVENTO

Após quatro anos eram esperadas as Olimpíadas e Paralimpíadas que já estavam confirmadas para serem realizadas no Japão, em Tóquio, no ano de 2020. Mas, infelizmente, 2020 entraria para história por causa da pandemia da Covid-19. E assim o mundo desacelerou e podemos dizer que até parou por alguns dias.

Desde o início do atual surto de coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19, houve uma grande preocupação diante de uma doença que se espalhou rapidamente em várias regiões do mundo, com diferentes impactos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 18 de março de 2020, os casos confirmados da Covid-19 já haviam ultrapassado 214 mil em todo o mundo. (FREITAS, 2020, p.1)

Notícias de cidades inteiras vivenciando o “*Lockdown*” pelo mundo inteiro. As pessoas aprendendo que a única forma de controle da pandemia é o distanciamento social e a higienização das mãos e dos ambientes. Um vírus que se espalhou rapidamente pelo planeta ceifando vidas por toda a parte.

Não existiam planos estratégicos prontos para serem aplicados a uma pandemia de coronavírus – tudo é novo. Recomendações da OMS,¹ do Ministério da Saúde do Brasil, do Centers for Disease Control and Prevention (CDC, Estados Unidos)² e outras organizações nacionais e internacionais têm sugerido a aplicação de planos de contingência de influenza e suas ferramentas, devido às semelhanças clínicas e epidemiológicas entre esses vírus respiratórios. Esses planos de contingência preveem ações diferentes de acordo com a gravidade das pandemias. (FREITAS, 2020, p.1)

A esperança veio com a vacina, onde profissionais da saúde de todo o mundo trabalharam incessantemente para a produção da vacina com eficácia do vírus mortal. Assim, a mais rápida vacina a ser aprovada da história nos traz aos poucos o retorno à normalidade. Mas, é necessário atingir uma totalidade de imunizados para dizermos que tudo pode voltar ao normal.

Com todo esse contexto o (COI) e também (CPI), não tiveram outra alternativa a não ser o adiamento dos Jogos Olímpicos para 2021.

Hoje, com um bom andamento na imunização da população e com a flexibilização das medidas de controle da pandemia, a parte de eventos e esportes começam a se organizar novamente em alguns países. Muitos eventos ainda como o futebol, voltaram, mas sem presença de plateia, com arquibancadas vazias

respeitando os protocolos de saúde. “Será um desafio para as organizações responsáveis pelo Esporte oferecer algo para seus fãs, haverá um forte desenvolvimento nas transmissões esportivas, sem a presença de público *in loco*”, afirma Mazzei (2020) que completa seu estudo, mostrando a dificuldade de satisfazer o público-alvo pelos meios de comunicação.

O desafio na verdade é proporcionar uma Orientação, com experiências, socialização e debate em um “novo normal”, e já existem opções para isso via streaming, redes sociais e outras ferramentas tecnológicas com relação a esta realidade (ROCCO JÚNIOR; MAZZEI, 2018; YANNIS et al., 2020, p.15).

As mascotes já estão definidas, conforme mostra a figura 6. No site oficial dos Jogos, a mascote azul chamada de Miraitowa que representa as Olimpíadas é descrita como uma mistura de tradição e inovação. Tem um grande senso de justiça e é muito atlética. A mascote tem poderes especiais que a permitem ir a qualquer lugar instantaneamente. Já a mascote rosa, chamada de Someity representa as Paralimpíadas e é descrita como descolada, carinhosa e poderosa. Tem uma digna força interior e um coração bondoso que adora a natureza. Pode falar com pedras e com o vento, além de conseguir mover as coisas só com o olhar.

Figura 6: As mascotes oficiais das Olimpíadas de Tóquio 2021.



Fonte: Comitê de Organização das Olimpíadas Tóquio 2020.

Agora é oficial, os Jogos Olímpicos de Verão são marcados para iniciar em 23 de julho de 2021 até 08 de agosto de 2021² e os Jogos Paralímpicos de Verão tem início marcado para 24 de agosto de 2021 a vão até 05 de setembro de 2021³.

O Japão só começou a vacinar as pessoas em fevereiro, mais tarde do que a maioria das outras nações desenvolvidas. Até agora, apenas cerca de 2,9 milhões de pessoas — ou 2,3% da população japonesa — estão totalmente vacinadas. Um programa de vacinação em massa começou no final de maio em Tóquio e Osaka, as duas cidades mais afetadas pelo aumento do vírus. As autoridades esperam que os maiores de 65 anos estejam totalmente vacinados até o final de julho. (BBC News, 2021).

Segundo o site oficial das olimpíadas:

Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 terão um recorde de 33 competições e 339 eventos realizados em 42 locais de competição. Já os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 apresentarão 539 eventos em 22 esportes hospedados em 21 locais. (olympics.com)

O revezamento da tocha para as Olimpíadas de Tóquio começou em 24 de março de 2021, na jornada de 121 dias pelo Japão até a cerimônia de abertura do dia 23 de julho. O revezamento começou na prefeitura de Fukushima, no Nordeste do Japão, área atingida por um vazamento nuclear depois do tsunami que provocou a morte de 18 mil pessoas. A primeira a carregar a tocha foi Azusa Iwashimizu, jogadora da seleção japonesa de futebol que conquistou a Copa do Mundo feminina em 2011. Sem público, a cerimônia foi transmitida pelas televisões e pelas redes sociais. O revezamento é um grande teste para as próximas Olimpíadas, pelo medo que a população japonesa tem que o evento possa espalhar a covid-19 para parques rurais e locais mais isolados do país. Devem participar do revezamento perto de dez mil corredores e será uma forma de demonstrar as dificuldades que os Jogos Olímpicos e Paralímpicos apresentarão com quinze mil e quatrocentos atletas entrando no Japão, junto com milhares de outros: oficiais, juízes, pessoal da Imprensa e mídia.

Os estudos vão desde protocolos para uma prática esportiva segura (seja com objetivo de saúde, lazer ou rendimento), mas também e principalmente sobre os impactos que a turbulência da COVID-19 estão provocando no Esporte, especificamente aos eventos esportivos, como por exemplo os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Nacionais de Futebol. (MAZZEI, 2020, p. 4).

² Site oficial: <https://olympics.com/tokyo-2020/en/>.

³ Site oficial: <https://olympics.com/tokyo-2020/en/paralympics/>.

Segundo o site da BBC News, “o Japão teve um número relativamente baixo de casos de Covid, mas uma nova onda de infecções começou em abril. Desde o ano passado, ocorreram cerca de 720 mil casos e 12,2 mil mortes” pelo novo Coronavírus.

Os organizadores já descartaram a participação de público e voluntários estrangeiros, mesmo assim 70% dos japoneses defendem a suspensão dos jogos. Os japoneses esperavam receber mais de 1 milhão de visitantes, mas mudaram de ideia devido a essa nova conjuntura.

Segundo o site da BBC News, há incerteza mediante ao cenário atual, mas as seguintes medidas serão tomadas para que os jogos aconteçam: **I)** As fronteiras do Japão estão fechadas para estrangeiros devido ao vírus. Isso significa que nenhum torcedor internacional pode viajar para os Jogos; **II)** Torcedores locais serão permitidos, embora haja um debate se a piora da situação da Covid pode forçar as competições a acontecerem sem nenhum público; **III)** Atletas internacionais e equipe de apoio terão que ser testados antes das competições e na chegada ao Japão; **IV)** Eles não terão que ficar em quarentena, mas terão que permanecer em bolhas e evitar se misturar nos locais; **V)** Os atletas também não precisam ser vacinados, embora os oficiais do COI esperem que cerca de 80% o sejam. Eles serão testados diariamente durante os Jogos. (BBC News, 2021).

O número de infecções envolvendo novas variantes do Coronavírus está aumentando no Japão, com restrições internas ao número de espectadores de eventos esportivos.

A presidente do comitê organizador Tokyo 2020, Seiko Hashimoto destacou que será muito difícil ter arquibancadas lotadas de torcedores nos jogos. Ao mesmo tempo os organizadores anunciaram que os atletas participantes deverão passar por um teste de covid-19 todos os dias, o plano inicial previa controles a cada quatro dias.

Os torcedores estrangeiros já foram proibidos de comparecerem aos jogos devido a Pandemia. Foi criado um estado de emergência após o aumento de casos da covid-19, o que implica a realização de eventos esportivos com portas fechadas. E se caso os espectadores sejam autorizados a assistirem aos jogos haverá imposição de regras que devem criar uma atmosfera diferente das celebrações olímpicas normais. Entre elas, podem estar o uso obrigatório de máscaras e a proibição de manifestar apoio aos atletas. Com tudo isso, o custo extra do adiamento e das

medidas anticovid fez com que o orçamento de Tóquio-2020 disparasse para conseguir atender todas as medidas de segurança. (BBC News, 2021).

Com esse cenário, segundo a BBC News (2021) os jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio 2021 trazem um misto de incertezas, esperança e dúvida. A maioria da população japonesa ainda defende o adiamento ou cancelamento dos jogos. Médicos e especialistas afirmam que não será possível ter um controle no avanço da pandemia, mesmo sem público estrangeiro, pois haverá também grande movimentação no país de comissão técnica, equipes de reportagens, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou a evolução, estrutura e funcionamento das Paralimpíadas, propondo-se a fundamentar os megaeventos Olímpicos e realizar uma breve contextualização histórica dos Jogos Olímpicos até os Paralímpicos.

É importante ressaltar a pesquisa apresentada sobre os desafios e perspectivas para a edição de 2020 das Paralimpíadas de Tóquio, mediante a pandemia da Covid-19, que pela primeira vez na história, foi adiada não por motivo de guerra, mas por causa de um vírus que parou o mundo, impactando todos os setores, e principalmente, o esporte.

O estudo sobre megaeventos esportivos mostrou que a área está em constante evolução e com um mercado em expansão no setor. Logicamente, os jogos paralímpicos passaram por grandes desafios e, principalmente, aqueles voltados para trazer mais inclusão, reconhecendo que a deficiência não é uma limitação.

Os atletas paralímpicos já provaram que a superação é possível, mesmo em se tratando de um megaevento como esse e, com isso, cada vez mais pessoas portadoras de deficiências têm vencido desafios e estão motivadas a tornarem-se esportistas ou até mesmo atletas de alto rendimento, alavancando importantes conquistas.

A estrutura dos jogos evoluiu e a tecnologia tem ajudado muito nesse aspecto. A cada edição dos jogos novas modalidades são incluídas e as delegações de atletas aumentam consideravelmente. Apresentou-se no decorrer do estudo, as especificações e adaptações para cada deficiência e um aprofundamento sobre elas.

As modalidades esportivas existentes nas Paralimpíadas, por exemplo, foram apresentadas com uma descrição detalhada no capítulo 3. A conclusão do capítulo demonstrou sobre o legado desse megaevento, ponto crucial no marco da sua história.

Por fim, foi apresentado um breve acompanhamento sobre o que aconteceu e ainda está acontecendo em relação ao planejamento e organização das Olimpíadas de Tóquio 2020, adiada para 2021, incluindo a reestruturação efetuada para que os tão esperados jogos aconteçam e a chama da emoção não se extinga dos nossos corações. Que o espetáculo das Olimpíadas e das Paralimpíadas sempre cativem

mais pessoas, tornando-as mais humanas, inclusivas, motivadas e, principalmente, felizes, já que esporte é saúde e é vida.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARO, Fausto; MOSTARO, Filipe. **As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas/1896 a Londres/1948 nas páginas do Jornal do Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014. Disponível em: https://www.academia.edu/download/34678961/AMARO-MOSTARO_Intercom2014_final.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

AQUINO NETO, Francisco Radler de. **O papel do atleta na sociedade e o controle de dopagem no esporte**. Rev Bras Med Esporte, Vol. 7, Nº 4 – Jul/Ago, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbme/v7n4/v7n4a05.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BBC NEWS. **Olimpíada de Tóquio: competição deve ser mantida em meio à pandemia?** 27/05/2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57266942>. Acesso em: 05 maio 2021.

BADENAS, Bruno Cesarini. **Vantagem ou iguais: um estudo sobre a desigualdade de gênero nas premiações do tênis profissional**. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa - Faculdade de Economia e Administração. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://dspace.insper.edu.br/xmlui/handle/11224/2559> Acesso em 15 mar. 2021.

BRASILEIRO, Reprodução do Site Comitê Paralímpico. **Experiências no Esporte Paralímpico: um passo a favor da inclusão**. Rio de Janeiro: Copyright C Instituto Benjamin Constant, 2020, 2020. 29 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YTspEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA12&dq=modalidades+paral%C3%ADmpicos&ots=OWouRx7HXZ&sig=1RMvtsURbLxSETxchUiejXKB2bs#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 31 maio 2021.

CANTON, Marisa. **Evento: da Proposta ao Planejamento**. Turismo em Análise, São Paulo, maio 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/download/63328/66095/83002>. Acesso em: 22 fev. 2021.

CARDOSO, Vinicius Denardin; GAYA, Adroaldo Cesar. **A classificação funcional no esporte Paralímpico**. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun. 2014. ISSN: 1983-9030. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/2173/pdf>. Acesso em 15 maio 2021.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **História dos Jogos Paralímpicos**. Secretaria da Educação, 29/08/2012. Disponível em: <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=428>. Acesso em: 22 fev. 2021.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Jogos Paralímpicos em números: quantas medalhas o Brasil já conquistou na história?**. 2020. Disponível em: <https://cpb.org.br/noticia/detalhe/3028/jogos-paralimpicos-em-numeros-quantas-medalhas-o-brasil-ja-conquistou-na-historia>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. **Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim**. Classica (Brasil) 19.2, 196-223, 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6298352>. Acesso em: 05 maio 2021.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. **Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/download/236/238>. Acesso em: 05 maio 2021.

FARIAS, Luiz Alberto de; GANCHO, Carolina. **Eventos e sua importância para a gestão da comunicação organizacional na pós-modernidade**. ANO 11, NÚMERO 20, 1º SEM. 2014, ORGANICOM. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/download/139214/134556/270322>, acessado em 05 maio 2021.

FOGUEL, Israel. Jogos Olímpicos: **Do Sonho A Realidade**. Clube dos autores, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ZxByDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA24&dq=Panathinaiko&ots=kHYZSUfu-2&sig=5fFLB5KS4Is8YIMHmAnAVp5GnG0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 05 maio 2021.

FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. **Análise da gravidade da pandemia de Covid-19**. Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 29(2):e2020119, 2020. doi: 10.5123/S1679-49742020000200008. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ress/2020.v29n2/e2020119/>. Acesso em: 05 maio 2021.

GIACOMO, Cristina. Tudo acaba em festa: **evento líder de opinião, motivação e público**. São Paulo: Summus Editorial, 2007. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/04/Organizacao%20e%20gestao%20do%20evento%20natal%20luz%20e%20seus%20retornos.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

GAVINI, F. **COI só teve nove presidentes em 126 anos de história**. Olimpíadas todo dia, 9 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/curiosidades-olimpicas/243199-coi/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Metodologia de Pesquisa**. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GIACOMELLI, Luiz Felipe; HENKELMAN, Amy. **Organização de mega eventos esportivos: cases e modelos**. Revista Intercontinental de Gestão Desportiva, Volume 2, Número 2, 2012. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=view&path%5B%5D=612&path%5B%5D=522>. Acesso em: 03 mar. 2021.

GOLD, John R.; GOLD, Margaret M. **Access for all: the rise of the Paralympic Games**. The Journal of The Royal Society for the Promotion of Health JRSH ISSN 1466-4240 DOI: 10.1177/1466424007077348, May 2007 Vol 127 No 3, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1466424007077348>. Acesso em: 05 maio 2021.

GONZÁLEZ, José Luis Aguilera; PRADAS, Jorge Rosell. **La primera maratón de la historia**. Citius, Altius, Fortius Volume, n 4 nº 2 Noviembre, 2011. ISSN: 1888-6744. Disponível em: http://cdeporte.rediris.es/revcaf/Numeros%20de%20revista/Vol%204%20n2/Vol4_n2_Aguilera_Rosell.pdf. Acesso em: 05 maio 2021.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 35. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32232007/ARTIGO__Cotidiano_Fantastico.pdf?1383574698=&response-content. Acessado em: 12 mar. 2021

LIMA, M. A.; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. **Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada**. PENSAR A PRÁTICA 12/1: 1-11, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.redecedes.ufpr.br/Artigos/5874-28303-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MACHADO, R. B. **Paralimpíadas e mídia: o crescimento das políticas de inclusão**. Cadernos de comunicação (v.16, n.2, Jul-dez 2012). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/viewFile/6842/4936>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. 2ª ed., Manole-SP, 2002.

MATIAS, Marlene. **Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades**. Turismo & Sociedade, volume 1, número 2, Curitiba, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download/12934/8732>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MATTHIESEN, Sara Quenzer; GINCIENE, Guy; FREITAS, Fernando Paulo Rosa de. **Registros da maratona em Jogos Olímpicos para a difusão em aulas de Educação Física**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.3, p.463-71, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n3/12.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

MAZZEI, Leandro; COSTA, Laura Carraro; FERREIRA, Sofia Camanho; GAIO, Luiz Eduardo. **Tradução e validação da escala “Orientation Toward a Sporting Event” (OSE) e sua utilização para a paralisação e segurança de eventos esportivos em meio a pandemia COVID-19.** Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 18, e020035, p.1-20, 2020. ISSN: 1980-9030. DOI 10.20396/conex.v18i0.8659906. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8659906>. Acesso em: 15 maio 2021.

PATI, Camila. **Revista Exame. Paralimpíada ou paraolimpíada, qual é o certo?** Publicado em 13/09/2016 às 13h45. Disponível em: <https://exame.com/carreira/paralimpiada-ou-paraolimpiada-qual-e-o-certo/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

PUHL, Paula Regina; TIETZMANN, Roberto. **Os mascotes Tom e Vinicius: representações da cultura brasileira nos Jogos Olímpicos Rio2016.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14340/2/Os_mascotes_Tom_e_Vinicius_representacoes_da_cultura_brasileira_nos_Jogos_Olimpicos_Rio2016.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

QUEIRÓS, Telma Maria Gonçalves. **Pierre de Coubertain.** Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/17501>. Acesso em: 25 maio 2021.

RÚBIO, K. **Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização.** Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n1/v24n1a06.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2021.

SANTOS, R. A.; CHEHADE, M. B.; ROCHA, G. C. G. **A importância da compreensão do conceito de eventos à execução do planejamento, perante as etapas pré, durante e pós-evento.** REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE TURISMO, Ano VII – Número 12 – Janeiro de 2010. Disponível em: http://www.faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/NvB7q3QfdezDVI_i_2013-5-23-11-59-58.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

SERON, Bruna Barboza; BRANDOLIN, Fabio. **Experiências no Esporte Paralímpico: Um passo a favor da inclusão.** Instituto Benjamin Constant, 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YTspEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA12&dq=modalidades+paral%C3%ADmpicos&ots=OWOuRx7HXZ&sig=1RMvtsURbLxSETxchUiejXKB2bs#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 25 maio 2021.

TEIXEIRA, Carlos Roberto Gaspar; TIETZMANN, Roberto. **Os jogos olímpicos jamais foram modernos: um ensaio da antropologia simétrica ao longo da história Olímpica.** Recorde, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/2298744503/fulltextPDF/F4EEA2436EFE496APQ/1?accountid=34749>. Acesso em: 25 maio 2021.

TOLEDO, Renata Maria; GRIX, Jonathan; BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Megaeventos esportivos e seus legados: uma análise dos efeitos institucionais da eleição do Brasil como país-sede**. Revista de Sociologia e Política, v. 23, n. 56, p. 21-44, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v23n56/0104-4478-rsocp-23-56-0021.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

ZANELLA, Carlos Luiz. **Manual de organização de evento: planejamento e operacionalização**. São Paulo: Editora Atlas, 2003. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/04/Organizacao%20e%20gestao%20do%20evento%20natal%20luz%20e%20seus%20retornos.pdf. Acessado em 12 mar. 2021.